

Nunca tinha acontecido. Naquele dia ninguém apareceu. Nem no seguinte. Nem depois. A bohème leviana e divertida, os risos feéricos, o burburinho melífluo e os aplausos diáfanos que antecediam a abertura da cortina da casa das ilusões, esfumara-se. A área central para onde convergiam os projetores fora tomada pelas sombras e tudo o resto era imobilidade. Esperaram. E esperaram. Nada ocorreu.

Quando o rufar surdo dos tambores emudecera havia dias, os acrobatas, lançadores de fogo, palhaços, malabaristas, ilusionistas e contorcionistas desmontaram a lona da tenda, guardaram as estacas e as cordas e arrumaram os parques haveres. Silente, a caravana de roulottes e carripanas escalavradas abandonou o terreno. O espaço dilatou-se de vazio e o tempo imobilizou-se.

Não se via viva alma nas ruas. As casas assemelhavam-se a ruínas mudas e só o vento soprava, sibilante, varrendo qualquer resquício de vida. A trupe, de olhar vago, rosto faminto e corpo esquelético seguiu a linha da estrada, muda. Parecia um cortejo de marionetes desarticuladas, fantoches e ventríloquos de uma vaudeville há muito esquecida, espectros de uma existência ancorada entre a fanfarra das trombetas e as privações das almas nómadas. A dada altura, ouviu-se um silvo, triste e choroso, requiem de uma história inacabada. No recorte entre a sombra e a luz, a silhueta de um velho sentado na carroça a tocar violino, foi-se desenhando, ainda que de contornos imprecisos. Havia que continuar a cantar a sua sina até não conseguirem fazer mais.

Quando cruzaram a tabuleta que anunciava o fim da vila, um pasquim abanava ao vento, meio rasgado. Anunciava que uma pandemia atingira aquela geografia, obrigando todos a recolherem-se evitando o contágio. Havia já muitas mortes e o medo trancara a população nas suas casas. Cingidos à miséria e à solidão de uma biografia marginal, a trupe arrastou-se no caminho, naufragando nos seus próprios destroços. Dirigiram-se para o pequeno ponto de fuga na distância até que desapareceram numa espécie de vertigem ou miragem como se nunca tivessem existido. Durante algum tempo, a melodia do violino pareceu pairar sobre o vasto panorama e, pouco depois, o resto da folha que anunciava a catástrofe descolou-se seguindo o voo dos pássaros, em direção a nenhures.

Aproximava-se o dia de Stº António.

Os dias estavam arduamente quentes e as noites agradavelmente luminosas. Em cada rua, ao serão, as crianças corriam atrás dos pirilampos, enquanto as raparigas combinavam entre si onde seria o melhor local para apanhar as alcachofras mais floridas e o alecrim mais cheiroso. Os rapazes sonhavam com a sua moça preferida e os segredos que discretamente iriam ouvir. As mães e avós conversavam nos portais das casas, recordando os belos tempos de solteiras e os hábitos dos dias de festa que se avizinhavam.

Finalmente chegava o dia de Stº António. Logo pela manhã, as crianças mal podiam esperar pela rapaziada mais velha para irem todos apanhar o alecrim e as alcachofras para a fogueira. Chegados ao local do costume, cada um procurava apanhar o alecrim mais verdinho e cheiroso que conseguia, por entre lindas canções que todos conheciam e entoavam alegremente. Depois, levavam o alecrim aos molhos até ao local onde ao anoitecer os mais velhos iriam acender a fogueira.

Ao longo do dia, as pessoas mais entusiastas de cada lugar da aldeia, preparavam alegremente o local da sua fogueira e algumas mulheres faziam bolos para partilhar à noite.

Era uma euforia até ao acender da fogueira e o cheirinho do alecrim, por entre a fumaça e alguma labareda, aromatizava o ar e as pessoas. Os mais afoitos começavam a saltar a fogueira, faziam-se rodas, entoando canções que todos conheciam e quando chegava o som da concertina era o auge da festa. Todos dançavam alegremente.

Entretanto, as moças casadoiras, discretamente iam buscar a alcachofra mais vistosa que tinham apanhado e entusiasticamente saltavam a fogueira com ela, na esperança que na manhã seguinte ainda estivesse viçosa, sinal de que eram correspondidas no amor.

Os homens percorriam as fogueiras da aldeia, onde iam bebendo vinho que lhes era oferecido e alguns mais atrevidos “davam um pé de dança” com alguma mocita mais próxima ou tentavam saltar a fogueira, se ainda conseguissem manter-se suficientemente de pé para tal ousadia.

Era o início das festas de verão, que era para todos uma grande animação.